

PROJETO PARQUE SOLAR SOPHIA

Plano de Envolvimento das Comunidades e Programa de Benefícios Partilhados

Setembro 2026

Anexo VIII — Conteúdos informativos patrocinados no Jornal Reconquista — Reconquista/Lightsource bp

VIII-A. "Transição Energética: Ouvir Primeiro, Construir Depois" (14/05/2026)

VIII-B. "Parque Solar Sophia: Os Contributos da Comunidade na Melhoria do Projeto" (25/06/2026)

VIII-C. "O que Acontece Quando um Rebanho Entra num Parque Solar?" (23/07/2026)

VIII-D. "E se a Energia Solar Produzida e Armazenada ao Lado da sua Casa Pudesse Beneficiar a Comunidade?" (27/08/2026)

VIII-E. "Como o Reforço do Diálogo com o Território Contribuiu para Reformular o Projeto Sophia" (01/10/2026)



AVISO LEGAL

Integridade dos documentos disponibilizados para consulta pública

Os documentos disponibilizados para consulta pública correspondem, na data da sua entrega, às versões oficialmente submetidas por **Coloursflow - Unipessoal Lda.** no âmbito do procedimento de avaliação de impacte ambiental do projeto Solar Sophia.

Após a respetiva entrega e disponibilização ao público nas instalações das entidades competentes, a Coloursflow - Unipessoal Lda. não controla diretamente as condições de guarda, manuseamento, reprodução ou acesso aos documentos. Por esse motivo, não poderá ser responsabilizada por alterações, rasuras, substituições, supressões, reproduções incompletas ou quaisquer outras adulterações efetuadas por terceiros sem a sua autorização.

Em caso de dúvida quanto à autenticidade, integridade ou atualidade de qualquer documento, deverá ser consultada a versão oficial disponibilizada em www.participa.pt e em www.parquesolarsophia.pt.

ou solicitada confirmação através de info.portugal@lightsourcebp.com.

PUBLIREPORTAGEM LIGHTSOURCE BP



TRANSIÇÃO ENERGÉTICA: OUVIR PRIMEIRO, CONSTRUIR DEPOIS

SAIBA MAIS



TEXTO DE MIGUEL LOBO, COUNTRY HEAD DA LIGHTSOURCE BP PORTUGAL

Falar de energia hoje é inevitavelmente falar de mudança. Mas, no terreno, essa mudança não se mede apenas em Megawatts ou metas climáticas. Mede-se na forma como os projetos são percebidos por quem vive nos territórios onde acontecem. Nos últimos meses, também nós, na Lightsource bp, temos acompanhado de perto as preocupações e questões que surgem junto das comunidades onde estamos presentes. Essa escuta é essencial. Mais do que responder, é preciso compreender e incorporar esse contributo na forma como trabalhamos. Temos aprendido precisamente

isso. Desenvolver um projeto começa nas pessoas, não na engenharia. E isso exige tempo, presença e disponibilidade para conversar, mesmo quando há dúvidas ou posições divergentes. Na Beira Baixa, onde estamos a desenvolver dois projetos solares, esse trabalho de proximidade ainda está numa fase inicial. Se tudo correr como previsto, a fase de construção só deverá arrancar em 2029. Até lá, haverá tempo para continuar a ouvir a população, aprofundar o diálogo com o território e incorporar contributos que possam melhorar os projetos e a relação com as comunidades. Na Beira Baixa, esse trabalho tem vindo a ganhar forma através de várias iniciativas concretas. Uma delas é a parceria com o Instituto Politécnico de Castelo Branco (IPCB), que nos

tem permitido partilhar conhecimento técnico e, ao mesmo tempo, ouvir quem está a formar-se na região e quer perceber melhor o que está em causa quando se fala de energia solar. Noutra dimensão, mais próxima do dia a dia das famílias, estabelecemos uma colaboração com a Just a Change para intervir em situações de pobreza energética nos concelhos do Fundão, de Penamacor e de Idanha-a-Nova. Aqui, o impacto não é abstrato: traduz-se em casas com melhores condições, em maior conforto térmico e em contas de energia mais equilibradas para quem mais precisa. Estamos também a trabalhar com outras entidades, como a ANIMOB e a Movijovem, para encontrar formas de criar valor local que façam sentido para os territórios e para as pessoas que neles vivem. Com

a ANIMOB, estamos a desenvolver um Plano Estratégico de Integração Agroecológica para a Central Solar Fotovoltaica Sophia, assente em práticas como o pastoreio rotativo e o uso duplo do solo, procurando compatibilizar produção energética, regeneração ambiental e atividade económica local. Já a parceria com a Movijovem apoia a iniciativa FortaleSER, dedicada à saúde mental dos jovens do Centro Interior, através da criação de academias e de uma plataforma digital de acompanhamento contínuo. Estas são algumas das primeiras iniciativas que temos vindo a desenvolver no território. Continuamos a trabalhar e a escutar as comunidades, procurando identificar novas iniciativas que possam trazer benefícios concretos nas diferentes vertentes da

vida local. Mas nada disto resolve, por si só, todas as preocupações que existem. E é importante dizê-lo com clareza. Há questões associadas aos projetos de energia renovável que devem continuar a ser discutidas. O que acreditamos é que esse diálogo só é útil se for feito de forma aberta e contínua, e não apenas em momentos formais. A transição energética vai continuar a avançar. Mas a forma como decorre, depende, em grande medida, da relação que se constrói com as comunidades. Se há algo que estes últimos meses nos têm mostrado, é que não basta estar presente no território. É preciso ser parte dele. Para saber mais sobre os nossos projetos, visite: <https://lightsourcebp.com/project/parque-solar-fotovoltaico-sophia/>

PARQUE SOLAR SOPHIA: OS CONTRIBUTOS DA COMUNIDADE NA MELHORIA DO PROJETO

TEXTO DA LIGHTSOURCE BP

Desenvolver um projeto de energia renovável implica também construir uma relação de confiança com o território. No caso do Parque Solar Sophia, essa relação passa, antes de mais, por ouvir as pessoas que residem nas freguesias onde o projeto se insere, compreender as suas preocupações e integrar contributos que possam ajudar a melhorar a proposta em desenvolvimento.

Na semana passada, este processo de escuta voltou a ser reforçado através da realização de mais de 10 sessões presenciais alargadas à população de Penamacor e Fundão, com o propósito de ouvir diretamente os residentes, recolheram-se preocupações, opiniões e esclareceram-se dúvidas sobre o ponto de situação de evolução atual do projeto.

Estas sessões, que contaram com cerca de 120 cidadãos presentes, fazem parte de um conjunto mais amplo de ações de envolvimento que a Lightsource bp tem vindo a desenvolver no território há meses, tendo já reunido com autoridades locais e um vasto conjunto de associações e organizações locais que agregam o tecido social, produtivo e cultural do território.

Além das sessões recentemente realizadas, e para reforçar o contacto com a população, estão atualmente ativos vários meios através dos quais os residentes podem acompanhar os desenvolvimentos o projeto, colocar questões, partilhar comentários ou manifestar preocupações. A comunidade pode deixar o seu contributo através dos seguintes canais de comunicação:

- E-mail: info.portugal@lightsourcebp.com
- Formulário online: <https://bit.ly/3SCMrKP>
- WhatsApp: (+351) 911011884

Adicionalmente, os residentes podem consultar mais informa-



SAIBA MAIS



PUBLIREPORTAGEM LIGHTSOURCE BP

ção sobre o projeto na página de internet www.parquesolar-sophia.pt ou na página de Facebook Parque Solar Sophia - Factos e Atualizações. Estes meios foram criados para garantir que a informação circula de forma acessível e que os contributos da população chegam diretamente à equipa responsável pelo projeto.

Das sessões realizadas na semana passada resultou um conjunto de contributos centrados sobretudo na localização do projeto, no seu enquadramento paisagístico, na proteção ambiental e na utilização do solo. Foram também colocadas questões relacionadas com o consumo de água durante as fases de construção e operação, bem

como com a perceção de um possível aumento da temperatura local e com a compatibilidade do projeto com atividades tradicionais como a caça e a pastorícia. A equipa da Lightsource bp registou estas preocupações e irá analisá-las no âmbito do trabalho técnico atualmente em curso, com o objetivo de avaliar de que forma poderão

ser consideradas na proposta de projeto reformulada.

Estes encontros permitiram também identificar a importância de criar novos momentos de esclarecimento, em condições que favoreçam uma participação próxima, informada e construtiva por parte dos residentes das freguesias abrangidas.

Os contributos recebidos serão tidos em consideração no processo de reformulação do projeto Sophia, que está atualmente a decorrer. Quando o projeto reformulado estiver concluído, e antes da respetiva consulta pública, a Lightsource bp voltará à comunidade para promover sessões de esclarecimento sobre a proposta atualizada.

Para além destas sessões presenciais, temos vindo a promover, ao longo dos últimos anos, iniciativas de envolvimento com a comunidade local, autarquias, juntas de freguesia, associações e outras organizações de impacto social presentes no território, com o objetivo de codesenvolver propostas de valor partilhado com impacto social positivo na comunidade. Algumas destas propostas foram apresentadas durante as sessões, com o objetivo de aferir o interesse da população nas mesmas.

Este trabalho não se limita aos momentos formais dos processos de avaliação ambiental. Assenta, para além disso, numa lógica de diálogo contínuo, aberto e transparente, que permita acompanhar dúvidas, divulgar informação e recolher diferentes perspetivas sobre o projeto Sophia. O nosso compromisso

passa por continuar este caminho com transparência, disponibilidade e respeito pelo território, procurando que a transição energética seja construída com as comunidades e não apenas junto delas.

O QUE ACONTECE QUANDO UM REBANHO ENTRA NUM PARQUE SOLAR?

TEXTO DA ANIMOB

Fotografias reais de parques da Lightsource bp:

À primeira vista, a imagem pode parecer inesperada. Entre fileiras de painéis solares, um rebanho de ovelhas percorre calmamente o terreno, pastando como faria em qualquer outro campo. Para muitos, esta cena levanta imediatamente dúvidas. Como se decide se um parque solar tem condições para receber animais? É possível garantir-se o bem-estar animal? Que planeamento é necessário? E faz sentido utilizar uma área destinada à produção de energia para criar animais? São perguntas legítimas. Aliás, são precisamente algumas das preocupações mais frequentemente colocadas pelas comunidades onde estão previstos novos projetos agrivoltaicos.

A resposta, porém, começa muito antes da chegada dos animais.

Um rebanho não entra num parque solar simplesmente porque existe espaço disponível. Tal como acontece numa exploração agropecuária bem gerida, tudo começa com o conhecimento do terreno: que vegetação existe, quais as espécies presentes, onde circula a água, quais as épocas mais sensíveis para a fauna e quantos animais aquele espaço consegue suportar durante a tal época de pastoreio. Só depois se define um plano de pastoreio, adaptado às características de cada local. A abordagem da ANIMOB assenta precisamente nesse diagnóstico prévio, seguido de planeamento técnico, implementação e monitorização contínua.

É esta diferença entre deixar animais “à solta” e gerir um território que muda completamente o resultado.

Em Portugal, a produção agropecuária continua a ser maioritariamente convencional. Os animais têm acesso permanente a toda a área, podendo escolher o que comem. Este modelo conduz frequentemente ao sobrepastoreio, pois as plantas preferidas não têm tempo para desenvolver raízes profundas, florir e produzir sementes.

A gestão holística do pastoreio



• Parque Solar Maes Bach, Lightsource bp, País de Gales

PUBLIREPORTAGEM LIGHTSOURCE BP

procura simular a herbivoria natural, em que o fator medo (“fear factor”) mantém os animais agrupados e em movimento. A concentração do rebanho aumenta a competição pelo alimento, reduz a seletividade e limita a vantagem das plantas menos apetecíveis. Em vez de 300 animais dispersos por 100 hectares, concentram-se os mesmos animais num hectare durante apenas um dia. Este impacto permite gerir me-



• Parque Solar Hadley, Lightsource bp, Inglaterra

lhor a vegetação e aumentar a matéria orgânica disponível no solo. Os animais só regressam à mesma parcela vários meses depois, dando tempo à pastagem para crescer e recuperar naturalmente. Além disso, a presença das ovelhas contribui para o aumento da biodiversidade, não só através do pastoreio, mas também através dos efeitos indiretos do estrume, que enriquece o solo. Este processo favorece o aparecimento de espécies,



• Parque Solar Marley Thatch, Lightsource bp, Inglaterra

criando um círculo virtuoso que reforça o equilíbrio e a saúde do ecossistema.

Apesar dos benefícios visíveis deste modelo, a transição implica custos que muitos pequenos produtores nacionais não conseguem suportar.

Neste contexto, os parques solares podem catalisar esta transição, disponibilizando aos produtores as ferramentas necessárias. Num sistema bem planeado, as ovelhas ajudam a controlar

a vegetação de forma contínua, reduzindo a frequência de cortes mecânicos. Ao mesmo tempo, fertilizam naturalmente o solo, distribuem sementes e contribuem para manter um coberto herbáceo equilibrado e que contribua para a conservação da biodiversidade.

Na prática, o objetivo não é substituir a natureza, mas trabalhar com ela.

Esta abordagem já está a ser

infraestruturas e da garantia de todas as medidas de segurança.

Mas esta realidade ajuda também a desmontar uma ideia frequentemente repetida: a de que um parque solar representa, inevitavelmente, o fim da atividade agrícola.

Na maior parte dos casos, pode acontecer precisamente o contrário. Um estudo desenvolvido na Austrália pela Lightsource bp em parceria com a EMM Consulting e a Elders Rural Services

sugere que o pastoreio entre painéis solares pode melhorar o bem-estar animal, contribuir para uma melhor conservação dos solos e manter a produção de lã. O conceito de uso duplo do solo procura

compatibilizar diferentes funções no mesmo território. Enquanto a energia é produzida acima do solo, continua a existir espaço para atividades como o pastoreio, permitindo que o terreno reforce uma função económica e ecológica. A própria ANIMOB nasceu da constatação de que existiam terrenos que precisavam de ser geridos e produtores pecuários que precisavam de áreas de pastagem, faltando apenas uma estrutura capaz de ligar estas duas necessidades de forma organizada e profissional. A transição energética continuará a levantar perguntas. E ainda bem que assim é. Questionar a forma como utilizamos o território faz parte de qualquer processo de mudança.

Talvez, porém, a questão já não seja se é possível encontrar ovelhas num parque solar. A verdadeira pergunta é outra: como podemos fazer com que um mesmo território produza energia, continue a gerar atividade económica local e seja, ao mesmo tempo, mais bem gerido do ponto de vista ambiental?

Em alguns locais de Portugal, essa resposta já começou a ser escrita. E começa, precisamente, quando um rebanho entra num parque solar.

SAIBA MAIS



E SE A ENERGIA SOLAR PRODUZIDA E ARMAZENADA AO LADO DA SUA CASA PUDESSE BENEFICIAR A COMUNIDADE?

TEXTO DE ENERMATCH

Durante muitos anos, habituámo-nos a pensar na eletricidade como algo que chega às nossas casas sem sabermos exatamente de onde vem. Produz-se num lugar, percorre a rede e chega ao consumidor, que no final do mês recebe a respetiva fatura.

A expansão da **energia solar** e da **capacidade de armazenamento através de baterias** está a acrescentar uma nova possibilidade a este modelo: produzir e armazenar energia localmente e partilhar essa produção com pessoas, empresas e instituições que vivem ou trabalham nas proximidades. Desta forma, é possível beneficiar da energia produzida não apenas durante as horas de sol, mas também durante parte da noite, através da energia armazenada nas baterias.

Esta energia pode ser produzida por **painéis solares instalados em coberturas ou em pequenos parques solares no solo**. É esta a lógica que está na base das **comunidades de energia e do autoconsumo coletivo**.

Os grandes projetos continuam a ser essenciais para produzir os volumes de eletricidade necessários para responder à procura nacional e à crescente eletrificação da economia. No entanto, o autoconsumo vem desempenhar uma função diferente e complementar: aproxima uma parte da produção renovável das comunidades e cria diretamente benefícios ao nível da poupança na fatura de eletricidade.

O princípio é relativamente simples – um pequeno parque solar produz eletricidade que pode ser partilhada por vários consumidores localizados numa determinada área. Em vez de cada família necessitar de instalar painéis na sua própria casa, diferentes consumidores podem

PUBLIRREPORTAGEM LUZ partilhada

beneficiar da produção de uma instalação comum, desde que estejam dentro do raio máximo de distância previsto na lei.

Na prática, isto abre a porta a que famílias que nunca conseguiriam produzir e armazenar a sua própria eletricidade possam participar na transição energética. Quem vive num apartamento, quem não dispõe de uma cobertura adequada ou quem simplesmente não tem disponibilidade para realizar o investimento inicial pode passar a ter acesso à energia renovável produzida e armazenada nas proximidades.

Mas há outra dimensão que merece atenção: Portugal vai precisar de aumentar significativamente a produção de eletricidade renovável nos próximos anos. Isso significa que muitos projetos serão desenvolvidos. A questão que se coloca aos grandes promotores é, por isso, muito concreta: **como fazer com que uma parte dos benefícios associados a esses projetos permaneça também nas comunidades que os recebem? O autoconsumo coletivo pode ser uma das respostas.**

Um grande projeto renovável tem escala, capacidade técnica e acesso a investimento. Quando um projeto desta natureza apoia a criação de soluções de auto-

consumo coletivo autónomas e dimensionadas para a população envolvente, o projeto deixa de ter apenas uma relação física com o território e passa a criar uma relação de vizinhança com a comunidade que ali vive.

Os benefícios assumem diferentes formas:

- A produção renovável local é atribuída aos consumidores participantes a preços tipicamente mais baixos que os praticados pelas comercializadoras tradicionais;

- Os custos com eletricidade possuem maior previsibilidade ao longo do tempo, por não estarem expostos às oscilações do mercado grossista;

- Este benefício abrange, famílias, empresas, instituições sociais e equipamentos públicos;

- Os membros do autoconsumo coletivo dão apoio direto à redução da pegada carbónica nas aldeias da região;

- Há um fortalecimento da coesão social pela participação ativa da comunidade nos processos de transição energética.

Para os grandes promotores, esta evolução traz também uma

responsabilidade acrescida. Desenvolver renováveis não deve significar apenas implementar projetos nos locais onde existem as condições adequadas para produzir eletricidade. Significa perceber de que forma essa produção pode coexistir com outras atividades e gerar valor no território.

Projeto “LUZ partilhada”

É neste contexto que a Enermatch está a desenvolver o projeto “LUZ partilhada”, uma iniciativa de autoconsumo coletivo apoiada pela Lightsource bp.

A iniciativa destina-se a famílias, negócios e instituições que cumpram os critérios geográficos e técnicos de participação em localidades abrangidas dos concelhos de Penamacor, Idanha-a-Nova e Fundão. Os participantes elegíveis poderão beneficiar de energia renovável produzida e armazenada nas proximidades, sem terem de instalar painéis solares ou baterias nos seus imóveis, através de uma tarifa acessível que permitirá reduzir o custo da energia abrangida pelo autoconsumo e contribuir para uma poupança na fatura de eletricidade.

Este é um dos grandes passos da transição energética portuguesa. Não basta perguntar

quantos megawatts renováveis conseguimos instalar. Importa também perguntar quanto desse investimento conseguimos transformar em valor concreto para as comunidades locais e respetivos territórios, com repercussões diretas na redução da fatura da eletricidade das famílias.

Como participar?

Quem resida, tenha um negócio ou represente uma instituição localizada num dos concelhos abrangidos pode **simular sua poupança**, consultar as condições de participação e iniciar o processo de adesão através do formulário disponível em luzpartilhada.pt.

As vagas para aderir à Luz Partilhada são limitadas e os primeiros 100 aderentes não pagarão, durante os primeiros três meses, a fatura de eletricidade fornecida pela LUZ partilhada, nos termos e condições da iniciativa. Quem estiver interessado deve, por isso, informar-se e apresentar a sua adesão o mais cedo possível.

Também é possível obter esclarecimentos através do email luzpartilhada@enermatch.com, do número de WhatsApp **914 795 008**, ou presencialmente nas sessões anunciadas na página de internet da iniciativa: luzpartilhada.pt. A participação está sujeita aos critérios de elegibilidade, à capacidade disponível e à celebração do respetivo contrato.



LUZ partilhada

SAIBA MAIS



COMO O REFORÇO DO DIÁLOGO COM O TERRITÓRIO CONTRIBUIU PARA REFORMULAR O PROJETO SOPHIA



TEXTO DE MIGUEL LOBO, DIRETOR-GERAL DA LIGHTSOURCE BP

No desenvolvimento de um projeto, é preciso perceber o território onde ele se insere. Ouvir quem lá vive, quem lá trabalha, quem conhece as suas necessidades e quem olha para o futuro da região a partir de dentro e procurar o melhor equilíbrio entre as várias prioridades para a transição energética.

Foi esse o ponto de partida quando iniciámos o desenvolvimento do Projeto do Parque Solar Sophia, reforçado

PUBLIRREPORTAGEM lightsource bp

Primeiro, ouvimos

A população manifestou preocupações com a paisagem, a biodiversidade, os solos agrícolas, o potencial futuro regadio, os recursos hídricos, a infraestrutura elétrica e a proximidade às populações durante este

linhas elétricas já existentes.

No Fundão, os painéis são integralmente retirados, tendo em conta o futuro Aproveitamento Hidroagrícola da Gardunha Sul e a proximidade às populações. Em Penamacor e Idanha-a-Nova, o projeto mantém-se, mas

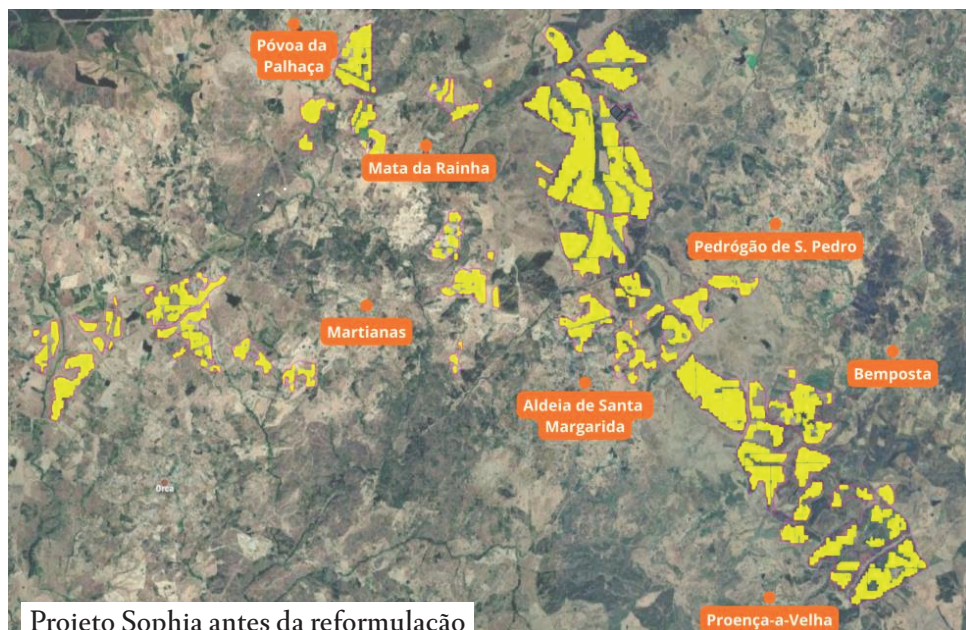
pelos impactos do projeto. Foram também identificadas necessidades, prioridades e oportunidades para gerar valor local.

Foi com base nesse trabalho que o programa foi robustecido. Hoje integra dez medidas organizadas

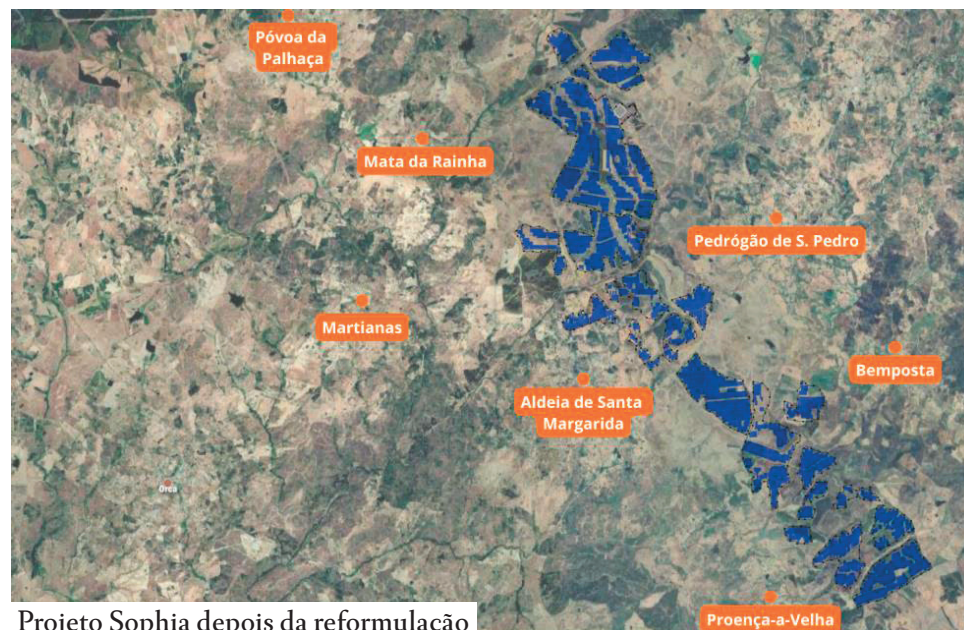
E voltámos para apresentar o resultado

Havia um compromisso assumido: depois de ouvir e reformular, voltar ao território e explicar diretamente o que tinha mudado. Foi isso que aconteceu na semana passada. A Lightsource bp promoveu, de forma voluntária, três sessões públicas de esclarecimento em Penamacor, Idanha-a-Nova e Fundão, antes do período formal de consulta pública. Mais de 150 pessoas participaram nestes encontros, entre população local, representantes de autarquias e diferentes entidades públicas e privadas.

As sessões permitiram apresentar a nova configuração do projeto, explicar as alterações realizadas, responder a perguntas e continuar a recolher contributos.



Projeto Sophia antes da reformulação



Projeto Sophia depois da reformulação

agora na sua reformulação.

O diálogo com o território não começou agora. Durante a elaboração da primeira versão do Estudo de Impacte Ambiental, auscultámos diferentes intervenientes locais e definimos as linhas gerais do Programa de Benefícios

processo. A consulta pública foi decisiva para podermos reforçar esta auscultação, cientes de que existiriam pontos a melhorar no projeto inicial, e que as perspetivas locais são cruciais para criar um projeto com real integração territorial.

com uma redução significativa.

No total, cerca de 70% da área do projeto fica concentrada em zonas de eucaliptal já existentes, sai de solos de elevada aptidão agrícola, mantendo a possibilidade de usos agrícolas e pecuários, incluindo soluções de

em quatro eixos (Energia, Comunidade e Território, Produtividade e Qualificação e Turismo) e representa um investimento voluntário superior a 20 milhões de euros ao longo da vida do projeto.

Entre as iniciativas previstas encon-

A decisão de realizar estes encontros antes da consulta pública oficial foi também uma resposta às preocupações manifestadas relativamente ao período formal de 10 dias úteis. Embora esse prazo esteja definido na legislação, optámos por antecipar a



Partilhados. Este trabalho antecedeu a primeira das três consultas públicas, realizada em outubro de 2025. Os contributos recolhidos nessa fase levaram-nos a reforçar a presença no território e a criar novas oportunidades de diálogo com cidadãos, autarquias, associações e entidades públicas. Foram contactadas mais de 80 organizações, realizadas cerca de 100 reuniões presenciais e promovidas 13 sessões de recolha de contributos com a população, que envolveram mais de 120 participantes. A este trabalho juntaram-se canais abertos à participação, através de um endereço de email dedicado, formulário de contributos e contacto via WhatsApp.

O objetivo passava por perceber melhor as preocupações, mas também as oportunidades identificadas por quem conhece a região.

Mas este trabalho de escuta não se cingiu apenas a recolher opiniões. Procurámos perceber o que podia ser transformado em decisões concretas. Foi a partir destes contributos, em conjunto com os pareceres das entidades competentes e o trabalho técnico e ambiental desenvolvido, que começou a nascer uma nova proposta para o Parque Solar Sophia.

Depois, reformulámos

O resultado é um projeto significativamente mais pequeno, menos disperso e com uma implantação diferente. A potência instalada prevista passa de 867MWp para 573MWp, a área ocupada por painéis diminui em cerca de 35%, de 390 para 253 hectares, e o parque passa a ter uma única linha de muito alta tensão, com cerca de 70% do traçado da linha acompanhando

pastoreio de ovinos sob os painéis. Também a relação com a paisagem e com as populações foi revista: o novo desenho procura reduzir a exposição visual, aumentar os corredores ecológicos e as distâncias às habitações e às estradas, e reforçar a integração paisagística através de barreiras de árvores e arbustos com espécies locais, sobretudo nas zonas mais expostas. Não se tratou de um ajuste pontual ao projeto inicial. A Lightsource bp voltou ao desenho inicial e procurou uma solução diferente a partir daquilo que foi sendo identificado no território.

Da escuta nasceu também um programa para o território.

O mesmo princípio foi aplicado ao Programa de Benefícios Partilhados. Ao longo das reuniões e sessões de auscultação, o diálogo não se ficou

tram-se a LUZ partilhada, um projeto de autoconsumo coletivo que aplica aos aderentes um desconto na fatura de eletricidade de até 25% numa primeira fase (havendo ou não havendo Projeto Sophia) e um desconto de até 45% quando o projeto Sophia entrar em construção. Além desta, encontram-se medidas de combate à pobreza energética, investimento social local, apoio aos bombeiros e à prevenção de incêndios, integração agroecológica e pastoreio, programas de formação e emprego verde, literacia energética e iniciativas ligadas ao turismo sustentável.

Este Programa procura traduzir em iniciativas concretas aquilo que fomos ouvindo no território.

apresentação pública da informação, dando às comunidades mais tempo para conhecerem a proposta reformulada e esclarecerem dúvidas. Iremos também disponibilizar no nosso site toda a documentação relativa à reformulação do projeto e sujeita ao procedimento de Avaliação de Impacte Ambiental, em lightsourcebp.com/project/parque-solar-fotovoltaico-sophia/, e entregar versões impressas nas Juntas de Freguesia dos concelhos onde o projeto estará presente, para que a informação esteja acessível a todos. O processo, contudo, não termina aqui.

Mantemo-nos totalmente disponíveis para ouvir, ajustar e contribuir, e contamos com a população para ser nossa aliada para pôr a transição energética ao serviço dos territórios.